

O GOZO PERVERSO EM *NOTAS SOBRE UM ESCÂNDALO*

*Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça
Rita Maria Manso de Barros*

Freud constatou que o artista está sempre à frente do nosso tempo. Ele não deixou de recorrer aos grandes romances e ao teatro para embasar algumas de suas profundas descobertas, como o Complexo de Édipo, que foi explicitado com o auxílio da famosa peça escrita por Sófocles. Com a finalidade de discorrer brevemente sobre a manifestação de atos perversos na mulher, também buscamos apoio na arte, mais precisamente através da análise do filme *Notas sobre um escândalo* (2006) do inglês Richard Eyre. É através de um escândalo - como anunciado pelo título do filme – protagonizado pela professora novata Sheba Hart (Cate Blanchett) que a veterana Barbara Covett (Judi Dench) cava a oportunidade de finalmente enredar personagem de Cate Blanchett. O desenrolar deste enlace é narrado de forma cínica e meticulosa por Barbara em seu diário, que descreve com maldosa alegria os infortúnios vividos pelo enlaçamento amoroso da nova “amiga”. A ríspida, perturbadora e invejosa personagem encenada por Judi Dench contribui para investigarmos uma das áreas mais sombrias da sexualidade humana: o excesso no gozo, sempre perverso, e que indica a fundamentação da sexualidade como perversa, como apontou Freud em 1905. Apesar de ambas as personagens principais poderem ser analisadas de forma rica pela psicanálise, nosso foco é Barbara Covett e seus estrondosos traços perversos. É claro que não estamos falando de uma perversão estrutural, até porque este tema é bem controverso quando falamos de mulheres, mas trataremos da perversão polimorfa, um traço universal e original do ser humano, que é caracterizada por ser um regime de gozo.

O filme é muitas vezes narrado em *off* por Barbara, onde ela descreve arditamente suas impressões sobre o mundo que a rodeia, tirando o espectador do lugar de um simples

observador e colocando-o como uma das testemunhas – a outra é o seu fiel diário - do seu plano perverso travado ao redor de Sheba.

Barbara é uma pessoa solitária, seca e amargurada, e logo somos fortemente impactados por sua personalidade quando ela descreve o primeiro dia do semestre na escola do subúrbio de Londres onde trabalha. “Lá vem os adolescentes proletários locais. Os futuros encanadores e vendedores e, sem dúvida, terroristas ocasionais também. Antigamente, confiscávamos os cigarros e as revistas pornô. Hoje em dia são as facas e o crack. E chamam isso de progresso”.

Este é também o primeiro dia de Sheba no colégio, onde lecionará Artes. Facilmente a novata - e sobretudo por desconhecer a outra - vira alvo da obsessão de Barbara. Ao ver seu novo objeto de amor em apuros (ela tenta separar sem sucesso dois alunos que brigam), vai socorrê-la e rapidamente controla a situação, com a mesma rigidez e aspereza de sempre, mas guardando aqui uma relação de gratidão pela proteção até certo ponto maternal. Sheba agradece muito a Barbara pela ajuda, e ela logo se admira com a pureza da voz da colega “como se sua boca fosse vazia e limpa; como se não tivesse nenhuma obturação”. Em pouco tempo a amizade entre as duas cresce e Sheba convida sua ‘mentora’ para um almoço de domingo em sua casa. Ela então compra roupas e vai ao cabeleireiro para se preparar para o tal evento, anotando cada passo no seu diário: “Alegria! Uma bandeira feliz na vastidão fria da minha agenda. Temos que nos esforçar quando recebemos um convite. A arte disso está em não parecer que se faz”. Parece que Barbara se apega a esse pensamento a todo momento, já que ela enreda Sheba meticulosamente em sua teia perversa sem que esta, tomada por sua carência histérica, perceba ou tome conhecimento do que acontece.

A ansiedade de Barbara com um simples almoço na casa de Sheba é notória. A mesma se espanta ao ver a família da nova amiga: o marido, Richard Hart (Bill Nighy), um professor mais velho e um casal de filhos adolescentes, sendo o menino portador de Síndrome de

Down. Já nas palavras de Barbara, “o marido, um patriarca velho, a filha, uma princesinha mimada, e o outro filho, um bobo da corte meio cansativo”, ao invés do “advogado elegante e jovem com dois filhos perfeitos” que ela idealizava. E logo, ela se perde em seus pensamentos “onde os velhos lábios dele beijam os seios dela”. Depois do almoço, Sheba a leva para conhecer seu estúdio de artes construído à parte da casa, onde começa a falar ininterruptamente sobre suas frustrações e angústias. Barbara percebe que aquilo “é um traço comum dos privilegiados: intimidade rápida e descuidada”. Mas Sheba foi além das tendências da classe com sua honestidade surpreendente. “Uma noviça se confessando à mãe superiora”, nas palavras de Barbara. Em seu diário, Barbara logo cola uma estrela brilhante como reflexo do sucesso do almoço. Observando e manuseando um fio de cabelo de Sheba, ela devaneia que “em tempos diferentes, e melhores, ela viajariam o mundo, almoçariam juntas, visitariam galerias... seriam companheiras!”.

Numa noite, durante a apresentação dos alunos na festa de Natal da escola, Barbara se inquieta com a ausência de Sheba e vai procurá-la. Quando a encontra, seu choque e decepção são notáveis enquanto espia cuidadosamente a novata tendo relações sexuais com Steven Connolly, seu aluno de quinze anos. No dia seguinte, Barbara confronta a amiga e Sheba relata como iniciou o envolvimento entre os dois. Ao notar o desespero crescente da nova amiga ao pensar que seu crime seria delatado, Barbara percebe que sua fúria por ter sido “traída” havia lhe cegado, e que ali jazia uma oportunidade magnífica para estreitar ainda mais o laço existente entre as duas: “furtivamente eu garantia meu prêmio, a longo prazo, uma dívida eterna. Teria tudo a ganhar, sem fazer nada”, pensa Barbara. Ela então promete à Sheba guardar este segredo e ajudá-la nesse período difícil, contanto que o caso dos dois chegue ao fim. Desta forma, ela acredita que ambas chegaram a um entendimento e cumplicidade inviolável. Sadicamente, Barbara aos poucos impõe a sua voz roubando, por sua vez, a de Sheba.

Este filme oferece elementos primorosos para analisarmos as personagens principais através da psicanálise. No entanto, nosso foco é Barbara Covett e seus estrondosos traços perversos. É claro que não estamos falando de uma perversão estrutural, até porque, como já apontamos, este tema é bem controverso quando falamos de mulheres. A perversão polimorfa, um traço universal e original do ser humano, é caracterizada por ser um regime de gozo. A perversão como estrutura clínica só se constitui através de uma ‘tomada de posição’ frente à castração, onde ela também atua como uma defesa; o sujeito perverso busca o não encontro com a castração, com o que falta. Freud denomina de *desmentido* ou *renegação* (*Verleugnung*) o mecanismo utilizado pelos perversos perante o horror da castração, onde a percepção da castração materna é negada.

Para melhor compreender o que Barbara exemplifica neste filme, é preciso entender a perversão em Freud articulando-a em torno de três pólos. O primeiro é dedicado à sexualidade e o que ele chama de “vida pulsional”, onde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006) e quase todas as obras referentes à clínica freudiana fazem parte. O segundo pólo gira em torno da incidência do inconsciente, mais precisamente do trabalho do inconsciente na vida sexual do neurótico através das formações de sintomas e fantasias, onde as obras *Uma criança é espancada* (1919/2006) e *O problema econômico do masoquismo* (1924/2007) se encaixam. Já o último pólo é restringido à estrutura clínica da perversão (distinta da neurose e da psicose), tendo os artigos *Fetichismo* (1927/2007) e *A cisão do Eu no processo de defesa* (1940 [1938]/2007) – além dos textos do primeiro pólo – como representantes. Esses pólos não se tratam de seqüências temporais; Freud já os aborda desde o texto de 1905.

Para adentrarmos no primeiro pólo, mostra-se útil entender a sexualidade perversa-polimorfa, já que ela é de suma importância para a compreensão da “vida pulsional” exposta nos *Três ensaios*. A perversão polimorfa, como pontuou Askofaré (2006), tem dois sentidos. Inicialmente é um momento da posição do sujeito: em função da falta da primazia do falo, a

criança só dispõe das pulsões sexuais parciais como modos de acesso ao gozo. Assim sendo, a principal característica da perversão polimorfa é a de ser um regime de gozo. Mas Freud (1905/1996) também se refere à ela como uma predisposição a todas as perversões, como um traço universal e original do ser humano.

O segundo remete-se à formação de sintomas e fantasias. Freud (1919/2006) segue um novo rumo quanto à questão da perversão ao encará-la como uma fantasia. É a partir daí que se tornou possível pensar na distinção entre perversão e neurose através do posicionamento do sujeito na estrutura da fantasia. Coutinho Jorge (2006) coloca a fantasia como a articulação entre o inconsciente (\$) e a pulsão (*objeto a*), entre simbólico e o real. Ainda, no primeiro pólo, pode-se situar o amor, enquanto que do outro lado, situa-se o gozo. “O gozo é a perda que se inscreve na medida em que houve a entrada no mundo simbólico” (p.33). A hipótese do autor é que a fantasia de completude do neurótico é amorosa, enquanto que a do perverso se dá pelo viés do gozo. Logo, o neurótico se fixa no pólo inconsciente da fantasia e elide o pólo do gozo, já o perverso entra no mundo simbólico através da fixação no pólo pulsional. Se o neurótico tiver acesso ao gozo e deixar de se fixar no pólo do amor, e vice-versa para o perverso, eles terão acesso ao desejo (◇). É seguindo esta elaboração que o autor coloca que essa balança entre amor e gozo ocorre não só nas estruturas clínicas como tais, mas também em um mesmo sujeito. É possível ver na clínica muito mais perversão do que comumente se presume. O perverso, então, procuraria análise devido a algum tipo de sofrimento ligado ao pólo amoroso da fantasia (\$), pois o sujeito perverso se queixa da solidão que é consequência das posições perversas adotadas por ele, o que não o permite a fazer laço com o outro enquanto sujeito, só enquanto objeto. A solidão de Barbara é facilmente constatada em vários momentos, que culmina em sua seguinte fala: “gente como Sheba acha que sabe o que é ser solitária, mas daquela solidão em gotas, que dura para sempre, não tem a menor idéia. Como é imaginar um fim de semana só para visitar a lavanderia ou permanecer intocada de um modo

tão crônico que o toque accidental da mão de um motorista de ônibus manda um choque direto para suas entranhas. Mas disso, Sheba e gente como ela não fazem idéia”.

Podemos observar que, para Barbara, os outros são meros objetos e sua relação com eles é de puro gozo. Ela trata sadicamente seus alunos, seus colegas e até mesmo Sheba, seu objeto de amor. A inclinação homossexual de Barbara fica notória e, toda vez que Sheba desconfia disso, escolhe acreditar que a amiga é apenas extremamente afetuosa. Finalmente o caso entre professora-aluno é encerrado pelo rapaz e Sheba, inconsolável, liga para Barbara, que fica eufórica pela amiga não ter ninguém, a não ser ela. Barbara acaba por perdoar a traição, pois, segundo ela, “essa mulher vale a pena; é por ela que eu esperava”. Toda essa situação acabou proporcionando uma ligação muito forte entre as duas, e nas palavras de Barbara, elas agora passavam por um momento delicado, “onde estavam negociando os termos de uma vida juntas. Agora, mais do que nunca estamos unidas pelos segredos que compartilhamos”. Porém, Barbara se espanta quando Sheba prefere prestigiar seu filho na sua primeira peça de teatro ao invés de consolá-la pela morte de sua gata. Bárbara, tomada pela ira, alerta Sheba para as conseqüências de sua escolha. Ela se vingaria.

Na mesma noite, Barbara recebe a visita de um professor da escola que demonstra interesse pela novela. Ela o ouve calmamente para depois afirmar que ele não seria o tipo dela, pois seus interesses recaiam em homens “surpreendentemente” jovens, preferencialmente garotos. E completa afirmando que ouviu rumores alarmantes sobre ela com um deles especificamente, chamado Steven Connolly. Fatalmente, o crime de Sheba se torna público - ela presume que o menino acabou contando a relação dos dois à sua mãe -, e ela é perseguida pela família do jovem, pela escola, pelos tablóides e pela polícia. Ela e o marido brigam, e assim o plano de Barbara parece estar se concretizando: a noviça pede abrigo à mãe superiora. Na escola, o diretor, percebendo que Barbara é amiga e confidente de Sheba em seu crime, quer forçá-la a se aposentar, trazendo à tona uma outra amiga,

Jennifer Dodd, que se demitiu e ameaçou Barbara com uma medida cautelar caso esta continuasse a persegui-la.

Após um mês, aparece Barbara relatando em seu diário que os últimos dias têm sido os melhores de sua vida. Um dia ela sai para ir ao mercado e Sheba encontra o tal diário da então amiga, e logo começa uma violenta briga entre as duas, onde Sheba chega a acusar Barbara de nunca ter amado ninguém na vida, seja ela ou Jennifer Dodd.

Sheba volta para seu marido. Barbara compra um novo diário e vai ao parque de sempre. Lá, encontra uma moça lendo no jornal a história de Sheba. Barbara se aproxima e as duas engatam uma conversa... O filme termina, mas a vontade de gozo de Barbara não cessa.

Bibliografia:

ASKOFARÉ, Sidi. La perversion généralisée. Em: **Les réalités sexuelles et l'inconscient**. Paris: Publication de l'EPCFCL, 2006, p. 219-226.

EYRE, Richard. **Notes on a scandal**. Reino Unido, 2006, 92 minutos.

FREUD, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.119-231.

_____. (1919) Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.193-218.

_____. (1924) O problema econômico do masoquismo. Em: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente - Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 103-124.

_____. (1927) Fetichismo. Em: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente - Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 125-134.

_____. (1940 [1938]) A cisão do Eu no processo de defesa. Em: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente - Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 171-180.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **A travessia da fantasia na neurose e na perversão**. Estud. Psicanal. [online]. Set. 2006, no. 29 [citado 15 Junho 2009], p.29-37. Disponível em http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372006000100006&lng=pt&nrm=iso